

BOSSA NOVA



INVADE NOVA IORQUE

Reportagem de LOUIS WIZNITZER
(Pela VARGO)



No dia 21 de novembro, no «Carnegie Hall», realizou-se o acontecimento mais significativo da atividade cultural brasileira: o lançamento da «Bossa Nova» nos Estados Unidos. Uma audicoia entusiasmada aplaudiu msicas como «Beato», «Cu e Mar», «Meuzina Foz».

NA OPINIÃO DO "NEW YORK TIMES", LUÍS BONFÁ FOI O BRASILEIRO QUE CAUSOU MELHOR IMPRESSÃO

Enquanto a situação na Índia e em Cuba continuam incertas, a vitória do Brasil foi decisiva. A **Bossa Nova** penetrou na Casa Branca e conquistou Nova Iorque. Os dois concertos: na Casa Branca — para Jacqueline Kennedy — e no "Carnegie Hall", marcam as datas da "posse" da **Bossa Nova**, em substituição ao "twist" e ao "rock'n roll". As próximas etapas agora devem ser o Vaticano e o Kremlin, pois na China Vermelha duvido que a **Bossa** consiga avançar.

A infiltração da **Bossa Nova** nos Estados Unidos começou alguns meses atrás e sua importância podia ser verificada pelo fato de que ela já estava sendo executada no local mais exclusivo e elegante de Manhattan, o famoso "Le Club". Sabe-se que entre "Le Club" e as altas esferas da política (inclusive a Casa Branca), há ligação direta. Peter

A Consulesa Dora Vasconcellos e Sidney Frey. Diretor da Audio-Fidelity Records.



Lawford, Frank Sinatra, Embaixador Stevenson, Senador Javitts, já tinham ouvido e dançado a música brasileira. Alguns discos já haviam aparecido nas lojas. Mas foi o concerto do dia 21 de novembro, no "Carnegie Hall", o acontecimento mais significativo da ofensiva cultural brasileira. Não somente os 2.800 lugares daquele tradicional santuário de Bach e de Beethoven tinham sido vendidos, como uma centena de repórteres norte-americanos (rádio, televisão, revistas, jornais) estavam presentes, além dos correspondentes especiais chegados por avião de Paris, Londres, Roma e Bonn, a fim de assistirem à estréia. Nas próximas semanas a **Bossa Nova** deverá fazer onda na Velha Europa e, por fim, as músicas pré-históricas como o "Tcha-Tcha", o "Mashed Potato" e o "Madison".

Infelizmente, o concerto foi dado na véspera do "Dia de Ação de Graças", quando não há tiragens de jornais. O único jornal de Nova Iorque que falou sobre o concerto foi o "New York Times", e sua impressão foi negativa. "Os músicos tinham na sua frente dezenas de microfones. Estes e o sistema de amplificação diminuíram consideravelmente a audição e o público mal pôde ouvir. Os cantores tinham pouca coisa nova para oferecer. Quase todos pertencem à categoria que nós aqui chamamos de 'routine pop singers'. João Gilberto era o melhor, mas seu estilo íntimo sofreu com o tamanho excessivo do 'Carnegie Hall'. O brasileiro que causou melhor impressão foi Luís Bonfá, cujo estilo é lírico e sutil. Infelizmente, o programa estava sobrecarregado e não foi possível ouvir Lalo Schifrin e Stan Getz, cujas interpretações de **Bossa Nova** foram até aqui muito mais interessantes do que aquelas que os brasileiros não conseguiram fazer passar pela barreira do sistema de amplificação."

Não obstante estas reservas do "New York Times", o Sr. Shapiro, produtor, informou-me que já havia dezenas de propostas para mais concertos em inúmeras cidades dos Estados Unidos para o pessoal da **Bossa Nova**. Na hora em que escrevo estas linhas, nenhum entendimento concreto foi realizado, porém é mais do que provável que as orquestras brasileiras permaneçam durante vários meses nos Estados Unidos, devendo tocar em Boston, Filadélfia, Washington, Chicago, Dallas, San Francisco, Los Angeles e New Orleans. Vários programas de televisão (inclusive o de Perry Como), convidaram Luís Bonfá e João Gilberto. As músicas que tiveram maior sucesso com o público do "Carnegie Hall" forma "Boato", "Desafinado", "Céu e Mar", "Outra vez", "Zelão", "Do-



ralice", "Samba de uma nota só", "Menina feia" e "Patinho feio".

Na recepção dada pela revista "Show" depois do concerto, estiveram presentes o Embaixador Roberto Campos (em férias da Consultec), a Consulesa Dora Vasconcellos, o Conselheiro Tabajara, o Ministro Mário Dias Costa, inúmeras personalidades do Escritório Comercial, Instituto do Café, Banco da Lavoura, Embaixada e Consulado do Brasil, além de Tom Jobim, Baden Powell, Menescal, João Gilberto, Carlos Lyra, Milton Bannana, Oscar Castro e os demais. E, naturalmente, Sidney Frey, da Audio-Fidelity Records, que lançou a **Bossa Nova** nos Estados Unidos e foi a "eminência grise" da nossa ofensiva. Faltou só Vinícius de Moraes, o "pai da **Bossa Nova**" (como Tellér é chamado "o pai da Bomba H") e, segundo a minha opinião, o Barão Stuckart, que hospedou, séculos atrás, os primeiros passos da **Bossa Nova** quando era nova mesmo...

É claro que os empresários terão que lutar com algumas dificuldades técnicas: imigração, sindicatos, etc., para conseguir a permanência dos brasileiros aqui, mas se acredita que os obstáculos serão superados. Afinal de contas, a própria Sra. Jacqueline Kennedy disse "adorar" essa mú-